

“ Desvergonzadas” ou “Escravas da Virgem”: representações femininas nas Cartas Ânuas¹.*Maria Cristina Bohn Martins*²

As crônicas dos missionários da Companhia de Jesus sobre o processo de evangelização dos Guarani na região do Prata, reservam para as índias cristianizadas uma imagem que, via de regra, aponta-as como modelo de piedade e honradez nos costumes. Imagem esta, certamente, muito distante daquela de “*borrachas*” e “*desvergonzadas*” com a qual qualificavam às não cristãs. No entanto, notas que revelam uma certa “tensão” que se opõe ao modelo feminino pretendido pelos padres, assoma destas crônicas quando elas tratam dos “desvios de comportamento” protagonizados pelas índias das reduções.

Via de regra, estes “desvios” estão ligados à relacionamentos desaprovados por envolverem infidelidade ou relações sexuais fora do matrimônio e, portanto, em desacordo com os preceitos de moralidade assumidos pelos padres e pela sociedade em geral.

Neste sentido, Asunción Lavrin lembra-nos que a sociedade colonial impôs normas de conduta muito severas às mulheres, responsáveis pela preservação da honra da família, através do controle da sua castidade, virtude e fidelidade. No entanto, ao mesmo tempo em que eram encarregadas de maiores responsabilidades morais do que os homens, as mulheres eram consideradas mais débeis que eles. E sua fragilidade não era apenas física, a qual criava a necessidade de proteção especial e vigilância do pai ou do marido, como também de fraqueza de caráter. “*Se daba por sentado que las mujeres tenían menos resistencia a la tentación, que eran seres menos racionales, más violentas y más emocionales que los hombres*”.³

¹ Texto apresentado no IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino- Americana e Caribenha (ANPHLAC). Salvador, novembro de 2000.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos

³ LAVRIN, Asunción. Las mujeres em la sociedad colonial. In: BETHEL, Leslie (org.). *Historia de América Latina*. Madrid: Crítica, 1992. 1. América Latina Colonial: La América precolombina y la conquista. p. 108 – 137, p. 117.

Embora estes juízos de valor pudessem ser considerados comuns às mulheres em geral, percebe-se porém que, para alguns, as não brancas pareciam menos capazes de conduzir-se de acordo com eles. É pelo menos o que se pode depreender do comentário, abaixo citado, de Lupércio de Zurbano. De acordo com o provincial da Companhia de Jesus, é admirável a compostura das mulheres da região da Governação do Paraguai, instruídas pelo zelo de seus guias espirituais:

*“... y basta por prueba decir em general que muchas indias y negras viven entre las llamas sin quemarse, ni amancillar su pureza por ruegos ni amenazas, que es tanto mayor admiración y gloria de Nuestro Señor cuanto tienen amenazas, que es tanto mayor admiración y gloria de Nuestro Señor cuanto tienen ocasiones mayores de perderla, y menores resguardos para guardarla”.*⁴

É de fato bem lembrado por Leandro Karnal que

*“o lado mais moderno dos inacianos, mais racional e contra-reformista, é este permanente anelo pela ordenação das coisas, fazendo distinções, ressaltando as regras e ortodoxias, procurando estabelecer uma taxionomia clara na caótica floresta colonial”, num esforço constante de submeter “cada virtude e cada vício ao cômputo preciso deste cartesianismo místico”.*⁵

Nas narrativas que elaboraram sobre seu trabalho apostólico na governação do Paraguai, narrativas de cunho edificante, os missionários estiveram ocupados em ressaltar seu trabalho de convencimento junto aos “principais”, os caciques, ou de detração dos “magos e feiticeiros” como denominavam aos xamãs. Raramente detiveram-se em tecer comentários acerca de homens comuns, menos ainda, sobre mulheres comuns. Porém, tanto quanto à cultura indígena em geral, também às mulheres os jesuítas deitaram este olhar classificador, taxionômico, classificando-as conforme apresentavam virtudes esperadas ou eram pecadoras imorais.

As que assomam de suas páginas, quando pagãs, são aquelas *“viejas tenaces en lo que hacía el antiguo, las que transtornan la cabeza de los demás, siendo ellas unas verdaderas brujas. Preséntanse al público com los cabellos desgreñados, dejan caerse de espaldas boca arriba, muerden la tierra, gimen e aullan”*⁶.

⁴ ANALES DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DE LA COMPAÑÍA DE JESUS DESDE EL AÑO DE 1641 HASTA EL DE 1643. In: CARTAS ANUAS de la Provincia Jesuitica del Paraguay (1641-1643). In: MAEDER, Ernesto (Ed.) Resistencia, Chaco: Documentos de Geohistoria, 1996. (Documentos de Geohistoria Regional nº 11), p. 32.

⁵KARNAL, Leandro. *Teatro da Fé. Representação Religiosa no Brasil e no México do Século XVI*. São Paulo: HUCITEC, 1998, p. 74 e 75 respectivamente.

⁶ DÉCIMA CUARTA CARTA ÂNUA EN DONDE SE RELACIONA TODO LO ACAECIDO EN LOS AÑOS DE 1635 – 1637. In: CARTAS ANUAS de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la

Ou, como nas palavras de Lupércio de Zurbano que viu as índias guarani umas “desvergonzadas”: “*Las mujeres de estas tierras son (...) borrachas, la cara horriblemente pintada, bailan unas danzas verdaderamente abominables*”⁷. Contraponto perfeito para as que, cristianizadas, são exemplo de virtude, inocência e modéstia. É o caso de uma dessas piedosas índias cristãs que, na Redução de São Carlos, como prova de “*seu amor a la castidad*”, e porque entendeu “*que la cabelera que traía suelta al biento podia ser a algunos de estropiezo, se la cortó, que para lo que las mujeres estiman a sus cabellos no es ésta pequeña hazaña ...*”⁸.

Através dos relatos dos jesuítas, percebe-se que, no âmbito dos povoados missioneiros, esta questão - a da moral sexual - esteve sempre muito viva e foi fator de uma certa tensão presente nas Reduções ao longo sua existência. Dizemos tensão, considerando que, embora exalte-se com constância as virtudes morais das índias, relata-se, igualmente com alguma frequência, situações em que elas são postas a prova. E, de fato, entre aquilo que podemos qualificar como “desvios de comportamento” registrados na documentação jesuítica sobre o cotidiano dos povoados, as atitudes relativas à questões sexuais estão em primeira ordem.

Tratava-se de um tema espinhoso a ser resolvido a fim de avançar na “modelação moral” dos nativos, naquilo que os padres entendiam ser uma questão de “humanização” dos índios. Desde muito cedo eles perceberam as dificuldades envolvidas no esforço de introjetar em seus catecúmenos as noções de pecado, de culpa e proibições relativas a esta área do comportamento.

Entre 1638 – 1639 o jesuíta limenho *Antonio Ruiz de Montoya* esteve em Madrid denunciando as razias feitas pelos paulistas junto às Reduções pelas quais a Companhia de

Compañía de Jesús. (1609-1614). Con Advertencia de Emilio Ravignani e Introducción del P. Carlos Leonhardt, SJ.. Buenos Aires: Talleres; Casa Jacobo Peuser, 1927. (Documentos para la Historia Argentina – tomo XX- Iglesia), p, 497.

⁷CARTAS SEGUNDAS ALGÚN TAN MÁS CORREGIDAS QUE LAS PRIMERAS CARTAS ANUAS DEL PARAGUAY DE LOS AÑOS 1637-1638-1639, do Padre Francisco Lupercio de Zurbano. In: *CARTAS ANUAS de la Provincia Jesuítica del Paraguay (1637-1639)*. Edição de Ernesto Maeder. Buenos Aires: Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura (FECIC), 1984. p. 170.

⁸ ANALES DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DE LA COMPAÑÍA DE JESUS DESDE EL AÑO DE 1641 HASTA EL DE 1643. In: In: MAEDER, Ernesto, 1996, p. 32.

Jesus era responsável no território da Província do Paraguai. Enquanto gestionava junto, à Corte, medidas em defesa dos índios, escreveu - a título de Informe da situação dos povoados fundados desde 1609 - a *“Conquista Espiritual”*, uma viva narrativa acerca dos esforços dos missionários em sua obra evangelizadora para com os índios guarani.

Nas páginas iniciais do texto, Montoya registra que nas reduções, fixava-se o tempo de uma hora pela manhã e outra pela tarde para que os adultos assistissem à catequese, oportunidade em que, assim como nos sermões dominicais, eram tratados assuntos relativos aos “mistérios da santa fé” e aos “preceitos divinos”. Tinham o cuidado os padres, informa ele, de não esclarecer-se imediatamente aos neófitos sobre o sexto mandamento: *“Era para que não murchassem aquelas plantas ternas e para que não se tornasse odioso o Evangelho”*⁹.

Logo a seguir, o padre relata as dificuldades que encontravam ele e seus companheiros, em harmonizar seu voto de castidade e a prática, comum entre os índios, de presentear com mulheres, como forma de reafirmar ou restabelecer laços de amizade e parentesco:

“Durou esse nosso silêncio dois anos, e muito necessário era tal proceder, como o comprova o fato que vamos expor. É que procurou o demônio tentar a nossa pureza (...), oferecendo-nos os caciques algumas das suas mulheres, sob a alegação de que eles consideravam como coisa contrária à natureza a circunstância de homens se ocuparem em trabalhos domésticos, quais os de cozinhar, varrer e outros deste tipo”.¹⁰

A fim de evitar os contratemplos advindos de uma convivência mais estreita com as mulheres do povoado, os jesuítas trataram de

“ cercar um pequeno espaço com paus, para impedir a entrada de mulheres em nossa casa: medida esta [com] que ficaram tomados de espanto e admiração. Mas, sendo bárbaros, não a julgaram honrosa, pois eles faziam consistir a sua autoridade e honra em ter muitas mulheres e criadas: o que, aliás, vem a ser um fato não pouco comum entre os gentios”.¹¹

Esta mesma preocupação de controlar e evitar um contato mais próximo com as mulheres, determinou que, em cada redução, para aquelas que estivessem privadas de família, fosse criado um espaço especial de habitação. Tratava-se do *cotiguaçu*: “casa das recolhidas”, residência das viúvas e órfãs.

⁹ MONTROYA, Antonio Ruiz de. *Conquista Espiritual. Feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1985, p. 56.

¹⁰ MONTROYA, Antonio Ruiz de, 1985, p. 56.

¹¹ MONTROYA, Antonio Ruiz de, 1985, p. 56.

É facilmente compreensível o constrangimento e o prurido dos padres, diante de um grupo indígena em que a poligamia era socialmente reconhecida, constituindo-se numa distinção dos caciques e principais¹², e cuja moral sexual certamente não adequava-se aos preceitos estabelecidos pela sociedade e pela Igreja da qual eram os jesuítas representantes.

José de Acosta, por exemplo, escrevendo por volta de 1570, faz um duro julgamento das práticas sexuais dos indígenas peruanos, o qual, se não deixa de estar em consonância com o pensamento religioso, ético e moral da época, desvincula-as, no caso citado, do contexto ritual em que foram observadas:

*“Cantan solemnemente, se juntan indistintamente personas de toda edad, sexo y parentesco. Beben a porfía, cubas enteras se vacían sin dar tiempo a respirar. Se arman conjuntos de baile de los más elegantes e danzan hasta que Baco los tumba por el suelo. Pasan veladas enteras en el paroxismo de la locura y del más desvergonzado desenfreno. Todo está permitido frente a cualquier persona en razón de las sagradas leyes de la borrachera. De ahí surgen aberraciones que a cualquier ser humano le da vergüenza contar. No se perdona a las doncellas, no se respeta ni la madre. No hay diferencia ninguna entre los cónyuges. La pasión hace furor incluso con otros varones, y hombres con hombres cometen las mayores torpezas”*¹³.

No mesmo sentido vai a observação do Provincial Diego de Boroa, constatando, aqui, o impressionante declínio demográfico observado na região da cidade de Santiago del Estero. Na região, segundo seu depoimento, foi possível contar-se 86.000 índios “empadronados”¹⁴ por volta de 1552, e, cerca de 80 anos depois, apenas 1500. Boroa responsabiliza a mortandade, não às duras condições impostas aos “indios de servicio”, e sim aos “...manifiestos errores y con una perversión de las voluntades con que ciegameamente se despeñan en toda surte de vicios principalmente en los de la embriaguez y luxuria ...”¹⁵.

¹² “Viviam, e hoje ainda vivem, os gentios em povoações muito pequenas, (...) mas não sem governo. Tinham eles os seus caciques, em quem todos reconhecem nobreza herdada de seus maiores, com o fundamento de que haviam tido vassallos e governado povo. (...) . Conhecemos alguns caciques que possuíam 15, 20 ou até 30 mulheres. As do irmão falecido toma-as por vezes o irmão vivo, e isto acontece de modo não muito comum...” . “Ofereceram-nos os caciques algumas de suas mulheres, (...) pois faziam consistir sua autoridade e honra em ter muitas mulheres e criadas ...” MONTROYA, Antonio Ruiz de, 1985, p. 52. ¹² “(...) tenían todos los vicios comunes a toda nación de infieles americanos, la hechicería, embriaguez y lujuria en la pluralidad de mujeres, y sobre esto varios ritos supersticiosos”. In: FURLONG, Guillermo S.J. *José Cardiel S.J. y su Carta Relación (1747)*. Buenos Aires: Librería del Plata, 1953. (Escritores Coloniales Rioplatenses II). p. 169

¹³ ACOSTA, José de. *De Procuranda Indorum Salute*. Estudio Preliminar de Luis Pereñis. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984. 2 v., v. 1: Pacificación y Colonización, cap. XXI, p. 565.

¹⁴ repartidos em “encomienda”.

¹⁵ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. (1632-1634) Introducción del académico de número Dr. Ernesto J. Maeder. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1990, p. 31-32.

A medida em que avança o processo de redução, tornam-se relativamente freqüentes as passagens de “casos edificantes” ocorridos com índias que defendem-se, por vezes empenhando a própria vida, de tentativas de sedução ou mesmo de assédio violento .

Escrevendo em 1643, o Provincial Lupércio de Zurbano dizia, sobre a Redução de *San Ignacio de Parana* que “*no han faltado muchas que solicitadas de hombres desalmados por ser paso de los que hacen camino por tierra de la Asunción a las Corrientes los han echado varonilmente diciendo que han recibido ya el Santísimo Sacramento y que no pueden hacer tal traición a su Señor ...*”.¹⁶

Sobre a Redução de Santa María la Mayor, afirmava, em seguida, que “*no ha habido pocas mujeres en esta reducción que a propria costa han defendido su pureza de los malos hombres, guardando Dios entre las espinas destos, los lirios y azucenas de aquellas*”.¹⁷ Ou ainda, que “*grande es el santo pudor de las mujeres, las cuales prefieren sufrir cualquier martirio, antes de mancharse con un pecado ...*”.¹⁸

Comportamentos de tal natureza eram fortemente valorizados, e exaltados pelos padres como norma a ser seguida por todas as mulheres. Daí, por exemplo, as homenagens prestadas a uma dela, na Redução dos Apóstolos que acabou sendo morta ao resistir a um ato de assédio violento do qual foi vítima:

“Supieron el caso los Padres y enviaron a buscar el cuerpo, halláronlo, y desenterrándolo (...) lo trujeron al pueblo, y estando todo éste junto en la iglesia, lo pusieron en una caja hecha para este para éste propósito, que llevaron los principales caciques y capitanes; dijosele un reponso a canto de órgano, y enterráronla en el altar mayor, al lado del Evangelho com gran solemnidad, y el día siguiente por ser la fiesta de los Apóstoles San Pedro y San Pablo, el que predicó engrandeció grandemente el heroico hecho desta buena india; después llegando yo a esta reducción le dije una misa solemne para que viesen los indios la estima que hacíamos de la virtud y constancia desta buena india”.¹⁹

Por fim, depois de tais considerações, o Provincial declara sua satisfação – e também seu espanto – em encontrar uma mulher “*que ayer era infiel dejarse matar por*

¹⁶ ANALES DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DE LA COMPAÑÍA DE JESUS DESDE EL AÑO DE 1641 HASTA EL DE 1643. In: MAEDER, Ernesto. 1996., p. 79.

¹⁷ ANALES DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DE LA COMPAÑÍA DE JESUS DESDE EL AÑO DE 1643 HASTA EL DE 1643. In: MAEDER, Ernesto., 1996, p.94.

¹⁸ CARTAS SEGUNDAS ALGÚN TAN MÁS CORREGIDAS QUE LAS PRIMERAS CARTAS ANUAS DEL PARAGUAY DE LOS AÑOS 1637-1638-1639. In: MAEDER, 1984, p. 170.

¹⁹ ANALES DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DE LA COMPAÑÍA DE JESUS DESDE EL AÑO DE 1641 HASTA EL DE 1643. In: MAEDER,1996, p. 106.

defender la preciosa joya de la castidad".²⁰ Percebe-se que o tom e as imagens elogiosas com que são referidos os variados casos desta natureza, dista grandemente das apreciações que reservavam os missionários às não cristianizadas.

Esta situação, se de um lado aponta a valoração positiva da castidade e da continência sexual, por outro demonstra que ela não era suficiente para impedir que houvesse iniciativas que fugiam ao estabelecido. Se há mulheres mortificando-se fisicamente para arrefecer suas necessidades físicas, há também homens e mulheres desobedecendo aos interditos. Realmente, observa-se que, apesar das pregações e até das punições aos que fugiam ao estabelecido como correto, comportamentos desregrados permaneciam. E deviam ser muito fortes as pressões a que estavam sujeitas as mulheres que pecavam, a ponto de justificar o abandono à morte de recém-nascidos frutos de relações não sancionadas pela Igreja:

“Hubo una [na redução de Corpus] que a su criatura ilegítima tapó la boca com pasto seco para que no llorara, echándola entre las breñas pra que la comiesen los tigres. Siendo ella más feira que los tigres²¹”, Outra, em São Nicolau, tendo parido *“un niño que había habido contra los mandamientos de Dios”* valeu-se igualmente do expediente de abandoná-lo à morte nos campos em que se escondera para o momento do nascimento²².

E observe-se que elas aparecem “pecando” não apenas por consentirem em participar de amores clandestinos, como também incitando seus companheiros a tanto:

“De un Indio muy virtuoso e bien dispuesto (...) [que] aficionandosele una de ellas le salteó de noche estando en su cama, que como la sintió junto assí saltó como picado de víbora ponçoñosa lançandola de si com saña y valor cristiano. Quedó el demonio corrido de verse vencido; solicitó el corazón de outra yendo de su reducción a outra com enga`no le llamo com color de darle comida par su viagem, y a la verdade para darle a verer el toxico del pecado, metióse en una casa desierta y sola acometidendo su pureça y constancia pero el honesto mancevo

²⁰ ANALES DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DE LA COMPAÑÍA DE JESUS DESDE EL AÑO DE 1641 HASTA EL DE 1643. In: CARTAS ANUAS de la *Provincia Jesuitica del Paraguay* (1641-1643). In: MAEDER, Ernesto, 1996, p. 120.

²¹ CARTAS SEGUNDAS ALGÚN TAN MÁS CORREGIDAS QUE LAS PRIMERAS CARTAS ANUAS DEL PARAGUAY DE LOS AÑOS 1637-1638-1639, In: MAEDER, 1984, P. 170.

²² ANALES DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DE LA COMPAÑÍA DE JESUS DESDE EL AÑO DE 1641 HASTA EL DE 1643. In: MAEDER, 1996, p.118.

deshaciendo de ella se salió huyendo (...) [e deixou] burlada (...) y confusa la insolente moça".²³

Assim, se são considerações sobre a “virtude” e a castidade das índias que orientam as apreciações elogiosas das quais elas são alvo, os comportamentos “desviantes” dos padrões estabelecidos são referidos – e condenados - na mesma medida. A percepção dos religiosos sobre estas mulheres refletiu sempre o limite de serem representantes da cultura cristã e ocidental frente a um universo outro, estranho. E não poderia ser de outra forma. Mas, além disto, seu olhar tem ainda a perspectiva do juiz, que avalia e condena as práticas culturais, o “*modo de ser*” dos grupos indígenas que abordam com a proposta da vida reduzida; elenca aquelas com os quais se pode conviver, condena as que não se pode tolerar e avalia os que devem se transformar. E esta perspectiva orienta não só a descrição, como a ação dos religiosos.

A necessidade de codificar, ordenar, estabelecer o limite preciso entre o ortodoxo e o heterodoxo respondeu ao próprio imperativo da catequese, uma vez que é sabido que os missionários orientaram-se por restringir sua interferência civilizadora aos aspectos que consideraram necessários para “*eleva-los humanamente*” aos índios e prepará-los para o cristianismo. Se prescindiram, assim, conscientemente, de aspectos que não julgaram necessário modificar - especialmente aqueles que não se mostravam conflitantes com a religião cristã – as práticas de conduta sexual certamente arrolavam-se entre aqueles comportamentos sobre os quais a intervenção jesuítica agiria fortemente.

Sobre as índias cristianizadas nos povoado jesuítico-missioneiro, os padres lançaram um olhar que esteve, então, orientado pela exaltação de comportamentos virtuosos no campo da moral sexual. A virgindade, a castidade e a modéstia eram as qualidades que se requeriam das mulheres em geral, e eram exemplificadas pelo comportamento daquelas que alcançavam a dignidade de pertencer à Congregação Mariana, e que se faziam chamar de “*escravas da Virgem*”.

Na taxionomia estão estabelecida, de virtudes e vícios, sobre as mulheres, a apreciação dos jesuítas prendeu-se aos comportamentos que qualificavam-nas como

²³ ANALES DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DESDE EL AÑO DE 32 HASTA EL DE 34. In: CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. (1632-1634) Introducción del académico de número Dr. Ernesto J. Maeder. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1990, p. 106.

“desavergonhadas” ou “escravas da Virgem”. Embora fosse a sexualidade feminina um campo perturbador da vivência destes homens da Igreja, aquele que deveria ser negado e sublimado, foi justamente ela o traço do seu comportamento que eles miraram mais demorada e atentamente. Desta forma, mais do que sobre elas, talvez seja sobre os próprios padres que nos informa esta documentação.

Bibliografia

- ACOSTA, José de. *De Procuranda Indorum Salute*. Estudio Preliminar de Luis Pereñs. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984. 2 v., v. 1: Pacificación y Colonización.
- DUVERGER, Christian. *La conversión de los indios de na nueva España*. Con el texto de los Coloquios de los Doce de Bernardino de Sahagún (1564). México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- FURLONG, Guillermo S.J. *José Cardiel S.J. y su Carta Relación (1747)*. Buenos Aires: Librería del Plata, 1953. (Escritores Coloniales Rioplatenses II).
- KARNAL, Leandro. *Teatro da Fé. Representação Religiosa no Brasil e no México do Século XVI*. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- LAVRIN, Asunción. Las muezres em la sociedad colonial. In: BETHEL, Leslie (org.). *Historia de América Latina*. Madrid: Crítica, 1992. 1. América Latina Colonial: La América precolombina y la conquista. p. 108 – 137.
- MAEDER, Ernesto (Ed.) CARTAS ANUAS de la *Provincia Jesuítica del Paraguay* (1641-1643). Resistencia, Chaco: Documentos de Geohistoria, 1996. (Documentos de Geohistoria Regional nº 11).
- CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. (1632-1634) Introducción del académico de número Dr. Ernesto J. Maeder. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1990.
- MAEDER, Ernesto (Ed.). CARTAS ANUAS de la *Provincia Jesuítica del Paraguay* (1637 - 1639). In: Buenos Aires: Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura (FECIC), 1984.
- MELIÁ, Bartomeu. El “modo de ser” guaraní en la primera documentación jesuítica. (1541-1632). In: *El Guaraní. Conquistado y Reducido*. Ensayos de Etnohistoria. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos/Universidad Católica, 1988^a (Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. 5), p. 93-129.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Conquista Espiritual. Feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1985.
- NECKER, Louis. *Indios Guaranés y Chamanes Franciscanos. Las primeras reducciones del Paraguay (1580-1800)*. Con Prefacio de Magnus Mörner. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos/Universidad Católica, 1990. (Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. 7).